



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

A SINTAXE DOS PRONOMINAIS ÁTONOS EM FOCO: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DO FENÔMENO DE CLITICIZAÇÃO NO GÊNERO JORNALÍSTICO DE FORTALEZA-CE



THE SYNTAX OF PRONOMINAL ALONES IN FOCUS: A VARIATIONIST ANALYSIS OF THE CLITICIZATION PHENOMENON IN THE JOURNALISTIC GENRE OF FORTALEZA-CE

Aline Pereira SOUSA
Aluíza Alves de ARAÚJO

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 09/03/2020 • APROVADO EM 08/09/2020
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2321>

Resumo

À luz do aporte teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1978, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), este artigo tem o propósito de descrever e analisar o comportamento da posição dos pronomes átonos no gênero jornalístico de Fortaleza-CE nos anos de 1929 e 2019, no que se refere à anteposição ou posposição verbal.

Para tanto, selecionamos os gêneros anúncio, editorial e notícia dos periódicos Diário da Manhã: órgão político e noticioso e Diário do Nordeste, a partir dos quais coletamos nossos dados. Observamos que a posição proclítica dos pronomes átonos é a favorita em nossa amostra e as variáveis *formas nominais*, *época de publicação* e *modo/tempo verbal* foram as mais relevantes para a investigação. Nesse sentido, o fator infinitivo da primeira variável e os fatores subjuntivo/presente e indicativo/pretérito da variável *modo/tempo verbal* se mostraram favoráveis à próclise. Além disso, identificamos o ano de 2019 como a época favorecedora da variante em foco. Em seguida, averiguamos qual gênero textual em cada época de publicação selecionada beneficia a próclise. Os resultados comprovaram que nenhum gênero textual privilegiou a posição proclítica no ano de 1929 e apontaram que o gênero anúncio, assim como os outros gêneros, está inclinado ao uso da variante em 2019. Defendemos que o maior conhecimento sobre o fenômeno de cliticização poderá incentivar a compreensão de seu próprio funcionamento, especialmente da variante proclítica – frequentemente mal avaliada socialmente. Por conseguinte, poderá contribuir, ainda, para uma reformulação das gramáticas tradicionais mais contextualizada com a realidade atual brasileira.

Abstract

In the light of the theoretical and methodological support of the Theory of Linguistic Variation and Change (LABOV, 1978, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), this article aims to describe and analyze the behavior of the position of atonic pronouns in the journalistic genre of Fortaleza-CE in the years 1929 and 2019, regarding the verbal preposition or postposition. To this end, we selected the ad, editorial and news genres of the journals Diário da Manhã: órgão político e noticioso and Diário do Nordeste, from which we collect our data. We found that the variables nominal forms, time of publication and mode/ verb tense were the most relevant for the investigation. In this sense, the infinitive factor of the first variable and the subjunctive/ present and indicative/ past factors of the mode/ verb tense variable were favorable to the proclisis. In addition, we noted that the proclitic position of the unstressed pronouns is the favorite in our sample and identified the year 2019 as the most favorable time for the variant in focus. Next, we find out which textual genre in each selected publication season benefits the proclisis. The results showed that no textual genre privileged the proclitic position in the year 1929 and pointed out that the ad genre, like the other genres, is inclined to use the variant in 2019. We argue that greater knowledge about the cliticization phenomenon may encourage understanding of its own functioning, especially the proclitic variant - often socially misjudged. Therefore, it may also contribute to a reformulation of traditional grammars more contextualized with the current Brazilian reality.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Clíticos Pronominais. Variação Linguística. Sociolinguística Variacionista. Gêneros Jornalísticos.

KEYWORDS: Pronominal Clitics. Linguistic Variation. Variationist Sociolinguistics. Journalistic Genres.

A pertinência deste trabalho pode ser constatada no estudo da posição dos clíticos pronominais em exemplares do gênero jornalístico de Fortaleza-CE, uma vez que estamos contribuindo para a descrição de um recorte inédito do fenômeno em foco. Observamos que a cliticização desperta o interesse de pesquisadores, haja vista a possibilidade de diferentes enfoques, tornando-se objeto de estudo de numerosas pesquisas ao longo dos anos. Nesse sentido, encontramos na Linguística um grande leque bibliográfico em relação aos pronomes clíticos, o qual foi de grande valia para a presente empreitada (PAGOTTO, 1992; SCHEI, 2003; PETERSON, 2010; BIAZOLLI, 2010, 2016; BERLINK; BIAZOLLI, 2011; SANTOS, 2009; PETERSON; VIEIRA, 2012, para citar apenas alguns).

Partindo do pressuposto de que a pesquisa é uma atividade que nunca se esgota, considerando combinações particulares entre teorias e dados (MINAYO, 1993), percebemos a escassez de investigações quanto à ordem dos clíticos pronominais na modalidade escrita, mais especificamente em jornais da capital cearense. Portanto, este artigo tem o propósito de descrever e analisar o comportamento da posição dos pronomes átonos no gênero jornalístico de Fortaleza-CE nos anos de 1929 e 2019, no que se refere à anteposição ou posposição em relação ao verbo (exemplo: ‘se ame’ ou ‘ame-se’). Para tanto, selecionamos, respectivamente, os periódicos Diário da Manhã: órgão político e noticioso e Diário do Nordeste, a partir dos quais coletamos nossos dados. Assim, à luz do aporte teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1978, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), é possível apontar fatores linguísticos e sociais que atuam sobre as variantes investigadas, propiciando maior compreensão sobre a variação linguística.

Assumimos, conforme já sinalizado, a hipótese de que a cliticização pronominal estaria sendo influenciada por fatores de caráter linguístico e social. Dessa forma, problematizamos a seguinte questão: de que forma grupos de fatores linguísticos, como o tipo de clítico, os enunciados constituídos por uma forma verbal ou complexos verbais, as formais nominais, os modos/tempos verbais e o gênero textual e as variáveis sociais, como a época de publicação, atuam sobre a variação da posição dos clíticos?

Com o intuito de respondê-la, consideramos, em nosso estudo, as hipóteses a seguir:

- (i) A variante proclítica é a mais recorrente para a colocação pronominal em nossa amostra;
- (ii) A *época de publicação* é a variável mais relevante de todas para a presente investigação;
- (iii) Em relação à *época de publicação*, o ano de 2019 é o maior favorecedor para o uso da próclise;

- (iv) As variáveis linguísticas: *gênero textual* e *modo/tempo verbal* são as mais relevantes para o fenômeno em estudo;
- (v) O gênero anúncio não favorece o uso da próclise em ambas as épocas de publicação selecionadas;
- (vi) Nenhum gênero textual beneficia a posição proclítica no ano de 1929.

Finalizamos esta seção introdutória, indicando a estrutura deste trabalho. Na seção 2, tecemos considerações sobre algumas das questões mais relevantes para a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), com o intuito de justificar a nossa escolha teórico-metodológica. Na seção 3, apresentamos o fenômeno em tela na perspectiva variacionista, a fim de revisar o que já foi feito, pontuando semelhanças e contrastes que nos auxiliaram no enfoque deste estudo. Já a quarta seção discorre sobre a nossa metodologia, isto é, sobre os procedimentos e a natureza dos dados obtidos. Na seção 5, por sua vez, expomos e discutimos os resultados encontrados. Por fim, na sexta seção, realizamos nossas considerações finais, reconhecendo nossas limitações e refletindo sobre a possibilidade da elaboração de novos estudos relacionados à temática em pauta.

2 Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (também conhecida como Sociolinguística laboviana ou quantitativa), alicerçada pelos trabalhos de Labov (1978; 2008), Weinreich, Labov e Herzog (2006), defende a existência e a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre a heterogeneidade linguística. Dessa forma, a complexa relação entre língua e sociedade é um aspecto basilar para a abordagem laboviana, a qual se apresenta, conforme Tarallo (2007), como uma reação ao modelo gerativo, que não considera a influência social sobre a língua.

Nesse contexto, um dos conceitos fundamentais é a concepção de língua como um sistema heterogêneo e organizado “em que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 99). A partir desse pressuposto, Coelho *et al.* (2012) bem destacam que a Sociolinguística quantitativa fornece um instrumental metodológico que possibilita a análise e sistematização dos diferentes tipos de variação linguística.

No que tange ao fenômeno de variação linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006) reconhecem a pluralidade de possibilidades de se dizer algo em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Desse modo, na perspectiva variacionista, tais alternativas são denominadas *variantes linguísticas*, as quais são influenciadas por *condicionadores* linguísticos e/ou extralinguísticos e constituem uma *variável*. Logo, ainda como assumem os autores, fenômenos variáveis não acontecem de forma arbitrária e sem regularidade.

Considerando a próclise (*me faça um favor*) e a ênclise (*faça-me um favor*) como variantes da variável pronomes átonos, investigamos os grupos de fatores que as condicionam. Para tanto, como bem ressalta Pereira (2016), todo e qualquer quadro de variação e mudança linguística só pode ser encontrado em uma *comunidade de fala*, conceito divergente entre os estudiosos variacionistas. Nessa conjuntura, optamos pela definição de Guy (2000, p. 18) por dois motivos. O primeiro é pela consonância com a proposta laboviana e o segundo, pela apresentação de propriedades que, aparentemente, são mais aceitas pelos pesquisadores. A saber:

- a) características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela;
- b) densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele;
- c) normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas.

Por fim, com este breve panorama geral da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), pode-se notar que

esse é o olhar sobre a língua e sobre o fenômeno da variação que um sociolinguista adota ao trabalhar com dados reais (produzidos por falantes reais, em uma comunidade real). Seu objetivo é descobrir quais os mecanismos que regulam a variação, como ela interage com os outros elementos do sistema linguístico e também da matriz social em que ocorre e como que ela pode levar à mudança na língua (COELHO *et al*, 2012, p. 26).

Na próxima seção, realizaremos a revisão bibliográfica de algumas pesquisas que também examinaram o fenômeno da cliticização pronominal no português brasileiro (PB).

3 Estudos variacionistas sobre a posição dos clíticos no PB

Os critérios utilizados para a breve descrição dos trabalhos apresentados foram o alicerce na Teoria laboviana e o estudo do fenômeno em tela na modalidade escrita da língua. Coelho *et al*. (2012) já retratavam a posição dos clíticos em relação ao verbo como um fenômeno de variação na sintaxe que tem levantado muitos questionamentos. Além disso, trazem, como exemplo, o trabalho

de Martins (2009), que analisa textos de escrita brasileira com o intuito de mostrar o percurso diacrônico da posição dos clíticos, confirmando um curso de mudança. Nesse cenário, destacamos, em ordem cronológica, os artigos de Santos (2009), Peterson e Vieira (2012) e Biazolli (2016), os quais, assim como este trabalho, consideram gêneros jornalísticos.

Santos (2009) pretendeu determinar o estatuto da ordem dos clíticos pronominais na modalidade escrita do português brasileiro do século XX. Com este objetivo, foram analisados contextos constituídos de lexias verbais simples para análise da ordem dos pronomes em próclise e ênclise. A autora recorreu a textos jornalísticos e literários, observando a norma linguística usada pela imprensa e aquela empregada por escritores brasileiros. Assim, com a análise dos dados, verificou-se uma distribuição semelhante dos índices gerais das variantes da regra de colocação pronominal nos domínios jornalístico e literário. Além disso, percebeu-se que o contexto morfossintático (presença de clítico pronominal em início absoluto ou em contextos com elementos proclisadores) interfere na ordem preferencial evidentemente. Em relação às variáveis extralinguísticas, considerou-se a distribuição dos dados, conforme os grupos de fatores *época de publicação* e *gêneros textuais*. Essa distribuição, de acordo com Santos (2009), procurou demonstrar somente o comportamento da regra de colocação pronominal, segundo os critérios de constituição do *corpus*. No que se refere às variáveis linguísticas, evidenciaram-se os grupos presença de um possível elemento proclisador e tempo e modo verbais.

Já Peterson e Vieira (2012) observaram a colocação pronominal em construções com mais de uma forma verbal de ocorrências em carta do leitor de três jornais veiculados no Rio de Janeiro. A pesquisa demonstrou que o gênero registra, geralmente, a variante intra-complexo verbal sem hífen (como em ‘pode nos ajudar’) e que os jornais possuem um comportamento diferenciado em relação às normas estabelecidas por manuais prescritivos. As autoras constataram que as diferenças ocorrem em função de fatores linguísticos e, especialmente, de fatores extralinguísticos, relacionados ao perfil dos periódicos. Finalmente, enfatizamos algumas das considerações finais apresentadas pelas autoras, uma vez que compartilhamos da mesma aspiração:

Espera-se, por fim, que estudos referentes aos usos da escrita monitorada em diferentes gêneros textuais e veículos, considerando diversos fenômenos gramaticais, colaborem para a compreensão da pluralidade de normas que caracterizam o que se convencionou considerar “padrão culto escrito”. Os resultados relativos à colocação pronominal ora apresentados permitem atestar que esse suposto padrão constitui, sem dúvida muito mais uma abstração teórica, uma norma subjetiva idealizada como uniforme, bastante distante das heterogêneas normas objetivas das escritas praticadas por usuários do Português em veículos que, em maior ou menor grau, têm compromisso em divulgar usos linguísticos supostamente “cultos” (PETERSON; VIEIRA, 2012, p. 66).

Por sua vez, Biazolli (2016) examinou a variação na posição de clíticos pronominais em contextos constituídos por complexos verbais, presentes nos gêneros jornalísticos carta do leitor e editorial do português brasileiro e europeu. O objetivo foi verificar como as variantes previstas se distribuem nos textos e possíveis diferenças consideráveis entre os dados coletados de cada variedade investigada. Para tanto, avaliou-se a atuação dos fatores linguísticos tipo de clítico, formas verbais do primeiro e do segundo verbo do complexo e tipo de complexo verbal. Antes de discorrer brevemente sobre os resultados obtidos pela pesquisa, gostaríamos de destacar a justificativa da autora em relação à escolha dos gêneros trabalhados:

A decisão pelos gêneros do domínio jornalístico, tomados como fonte de coleta dos dados, refere-se ao fato de, por um lado, tais gêneros ainda não terem sido suficientemente explorados pela Linguística, e, por outro, de acordo com Berlinck e Biazolli (2011), pelos textos que os representam, através da linguagem, abarcarem o que há de maior prestígio sociocultural, ao mesmo tempo que também podem veicular distintas variantes linguísticas não padrão (BIAZOLLI, 2016, p. 333).

A partir dos resultados apresentados, segundo Biazolli (2016), incipientes, percebeu-se o distanciamento entre as práticas portuguesa e brasileira em relação à colocação pronominal. No entanto, a autora admitiu a necessidade de refinar os dados obtidos, pretendendo ampliar o leque de fatores linguísticos examinado, visando a futura realização de cruzamentos que envolva os grupos de fatores já trabalhados e aqueles que ainda serão investigados. Porém, a pesquisadora notou que os comportamentos diferenciados de cada variante do fenômeno analisado indicaram não apenas razões linguísticas para as divergências, mas questões associadas à natureza do gênero jornalístico.

Por fim, os trabalhos explorados contribuíram para a escolha dos gêneros jornalísticos e dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos investigados, como serão descritos na seção seguinte. Além disso, as considerações levantadas acerca do domínio jornalístico enriqueceram a discussão dos resultados de nossa análise.

4 Metodologia

Nesta seção, descrevemos os *corpora* selecionados para a extração dos dados e detalhamos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos considerados, já que a metodologia desta pesquisa está alinhada aos moldes da Sociolinguística quantitativa, exigindo uma considerável quantidade de dados provenientes da linguagem em uso. Os dados do estudo foram selecionados a partir dos gêneros jornalísticos anúncio, editorial e notícia, retirados dos

periódicos Diário da Manhã: órgão político e noticioso (1929) e Diário do Nordeste (2019), os quais serão abreviadamente apresentados.

Dirigido por Adauto de Alencar Fernandes e gerenciado por J. R. da Costa, o primeiro jornal teve sua edição inicial publicada em 20 de outubro de 1929¹. Já o Diário do Nordeste foi lançado em 1981 pelo Grupo Edson Queiroz com o título do editorial da primeira edição “Compromisso e luta”, segundo o próprio sítio eletrônico do Grupo². Além disso, veículo do Sistema Verdes Mares – um dos grupos de comunicação mais influentes da região –, o periódico é o único que abrange o estado cearense por completo, conforme a página *on-line* da FTPI negócios em mídia³. Cabe ressaltar que, justamente em decorrência do espaço temporal considerado (90 anos), ambos possuem certas dessemelhanças, tais como a estrutura e organização dos periódicos e até algumas características próprias dos gêneros.

Posto isso, ambos foram escolhidos pela popularidade na comunidade de fala de Fortaleza-CE nos anos escolhidos e pela quantidade considerável de edições disponíveis para a realização da investigação. Desse modo, a amostra para a análise é constituída por todas as ocorrências de clíticos pronominais encontrados em 15 textos de cada gênero e em cada jornal, totalizando 90 textos.

Quadro 1 - Distribuição dos textos em função do gênero textual e ano de publicação controlados em nossa amostra

GÊNERO TEXTUAL ANO DE PUBLICAÇÃO	Anúncio	Editorial	Notícia	TOTAL
1929	15	15	15	45
2019	15	15	15	45

Fonte: elaborado pelas autoras.

As ocorrências de clíticos pronominais provenientes dos *corpora* acima apresentados foram examinadas em função das variáveis descritas a seguir:

(a) variável dependente⁴: delimitada a partir das variantes próclise (“outros oradores se fizeram ouvir.”, *Diário da Manhã: órgão político e noticioso*, 21/10/1929) e ênclise (“a escolha do juiz deu-se através de sorteio.”, *Diário do Nordeste*, 17/04/2019);

(b) variáveis independentes de natureza linguística: os grupos de fatores considerados foram os seguintes: tipo de clítico (me, te, o(s), a(s), lhe(s), se, nos, vos), enunciados constituídos por uma forma verbal ou complexos verbais, formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo), modo verbal (indicativo, subjuntivo e imperativo), tempo verbal (pretérito, presente, futuro) e gênero textual (anúncio, editorial e notícia);

(c) variável independente de natureza extralinguística: controlamos, nesta categoria, a época de publicação dos jornais selecionados (1929 ou 2019).

No que diz respeito ao tratamento estatístico dos dados, utilizamos o programa GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) que, além de fornecer o índice de aplicabilidade da regra variável, disponibiliza a frequência, os valores absolutos e percentuais e os pesos relativos das variantes, a relevância das variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas e a possibilidade de cruzamento entre grupos de fatores.

5 Apresentação e discussão dos resultados

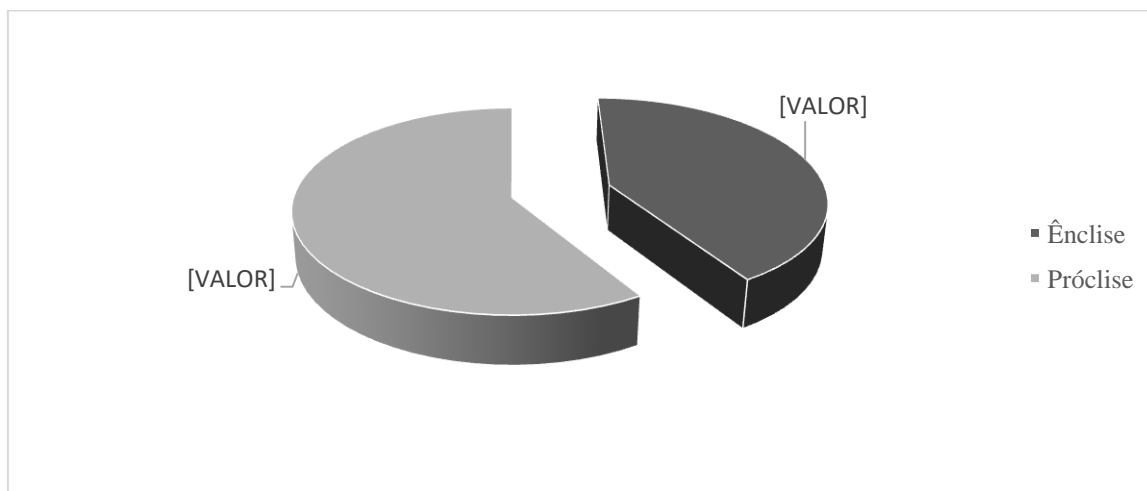
A seguir, apresentamos e discutimos os resultados obtidos para a investigação da posição dos pronomes átonos no gênero jornalístico de Fortaleza-CE. Para tanto, dispomos nossos resultados em gráficos e tabelas, a fim de melhor analisar a ordem dos clíticos pronominais e as variáveis independentes que se mostraram significativas.

Foram realizadas duas rodadas, ambas em função da colocação pré-verbal. Todavia, como se trata de uma análise binária (posição pré-verbal x posição pós-verbal), os dados da colocação pós-verbal podem ser inferidos e, portanto, observados em nossa amostra.

5.1 Primeira rodada

Nesta rodada, obtivemos uma visão geral do comportamento do fenômeno em relação à amostra selecionada. Nesse contexto, foram encontradas 298 ocorrências de clíticos pronominais nos 90 textos examinados nesta pesquisa. Desse total, 175 (58,7%) apresentam a variante próclítica, ao passo que 123 (41,3%) ocorrências correspondem à variante ênclítica, conforme gráfico 1:

Gráfico 1 – Frequência de uso das variantes próclise e ênclise



Fonte: elaborado pelas autoras.

Os resultados apresentados no gráfico 1 mostram que a frequência de uso da variante proclítica é maior do que o uso da ênclise, apesar dessa diferença não ser tão acentuada. Assim, observamos que as variantes coexistem e podemos afirmar, confirmando nossa hipótese, que a posição pré-verbal dos pronomes átonos é a favorita para os textos jornalísticos selecionados da capital cearense. Destacamos a proximidade com os resultados de Santos (2009), os quais indicam que as ocorrências das variantes no *corpus* jornalístico são distribuídas na proporção de 56% para próclise e de 44% para ênclise, considerando o contexto morfossintático no qual se analisam os clíticos pronominais.

A primeira rodada também apresentou alguns nocautes, os quais foram desprezados para o prosseguimento da análise. No grupo *tipo de clítico*, os fatores que apresentaram nocautes foram *me* e *vos*, pois ambos só ocorreram uma vez e na posição enclítica. Já no grupo *formas nominais*, o fator *participio* ocorreu quatro vezes na posição proclítica. Por fim, no grupo *modo/tempo verbal*, os fatores *indicativo/futuro* e *subjuntivo/pretérito* ocorreram, respectivamente, oito e três vezes na posição proclítica. Após a retirada dos nocautes, identificamos os fatores que se mostraram relevantes para a variação dos clíticos pronominais.

O melhor nível de análise foi o *step up* 15, com *input*⁵ de 0.315 e nível de significância⁶ de 0.000. Nesse sentido, o programa computacional escolhido indicou que as variáveis estatisticamente relevantes foram, na seguinte ordem de relevância: *formas nominais*, *época de publicação* e *modo/tempo verbal*.

As variáveis selecionadas contrariaram nossa suposição de que a *época de publicação* seria a primeira variável selecionada, porém, como explicamos a seguir, defendemos que esta variável é responsável pela seleção das formas nominais pelo GoldVarbX. Além disso, nossas hipóteses de que as variáveis linguísticas mais relevantes para a pesquisa seriam *gênero textual* e *modo/tempo verbal*, também, foram refutadas. A seguir, analisaremos cada um dos grupos de fatores apontados pelo programa supracitado.

Formas nominais

A propósito das formas nominais do verbo, surpreendeu-nos ser a primeira variável selecionada pelo programa. Tal fato justifica-se pela gramática normativa considerar a ênclise como regra geral para o infinitivo e o gerúndio. Além disso, Santos (2009) também constatou que as condições foram pouco favoráveis à ocorrência da variante pré-verbal. Posto isso, vejamos nossos resultados para a atuação da variável sobre a colocação proclítica.

Tabela 1 – Atuação da variável formas nominais sobre a colocação pré-verbal

Formas nominais	Aplicação/Total	%	PR
Infinitivo	22/27	81,5%	0,826

Gerúndio	4/32	12,5%	0,212
----------	------	-------	-------

Fonte: elaborada pelas autoras.

Conforme a tabela 1, o infinitivo mostrou-se altamente favorecedor da próclise, já que 81,5% das ocorrências apresentaram a colocação pré-verbal, indicando 0,826 de peso relativo. A seguir, transcrevemos algumas ocorrências retiradas de nossa amostra.

(a) “o sonho de se repetir tempos melhores”, *Diário do Nordeste*, 08/04/2019.

(b) “é imperativo se atentar aos riscos sofridos”, *Diário do Nordeste*, 15/04/2019.

Contudo, torna-se necessário ressaltar que todas as ocorrências foram registradas no periódico *Diário do Nordeste*, no ano de 2019. O referido ano, como veremos no próximo tópico, favorece a próclise. Nesse sentido, podemos observar uma correlação entre as variáveis *formas nominais* e *época de publicação*, que também foi selecionada como um fator relevante. Isso pode significar que esta variável esteja influenciando aquela. Dessa forma, não são as formas nominais que estão favorecendo a próclise, mas sim o ano de 2019. Assim, é mais provável que a variável *época de publicação* esteja interferindo sobre as formas nominais do que o infinitivo interferindo no referido ano. Logo, acreditamos que o ano de publicação controla o papel do infinitivo sobre a variante proclítica.

Em virtude da pouca quantidade de dados para o gerúndio retirada do universo da nossa amostra, não podemos realizar uma análise categórica, em outras palavras, seria improdutivo afirmar que essa forma nominal desfavorece a variante pré-verbal nos gêneros jornalísticos de Fortaleza-CE. Posto isso, passemos à próxima variável.

Época de publicação

Os resultados obtidos para a variável *época de publicação* confirmaram nossa hipótese inicial de que o ano mais recente seria favorecedor da próclise, tal suposição está relacionada ao maior conservadorismo existente no final da década de 1920 e a norma padrão vigente.

Em relação aos anos 20, é interessante evidenciar que Santos (2009) verificou a próclise entre 70 e 80% das ocorrências no *corpus* jornalístico do século XX, observando um ligeiro aumento na passagem da primeira fase (de 1901 a 1924) para a segunda (de 1925 a 1949). Apesar do resultado ser bastante favorável à próclise, nossos dados apontam que 1929, ano incluso na segunda fase da pesquisa de Santos (2009), apresenta apenas 43,8% de ocorrências com a variante pré-verbal e 0,354 de peso relativo em relação ao ano de 2019, que possui

74,5% e 0,653. Desse modo, considerando os recortes temporais de 1929 e 2019, vemos que o primeiro ano favorece, na verdade, a colocação enclítica. Vejamos a tabela 2:

Tabela 2 – Atuação da variável época de publicação sobre a colocação pré-verbal

Época de publicação	Aplicação/Total	%	PR
2019	108/145	74,5%	0,653
1929	67/153	43,8%	0,354

Fonte: elaborada pelas autoras.

Queriquelli (2012) defende que a tese do conservadorismo do português brasileiro (PB) é bastante difundida entre os pesquisadores que se ocupam sobre as diferenças entre PB e português europeu (PE). O autor ainda afirma que muitas diferenças entre o PB e o PE deve-se ao fato de que o primeiro conservou aspectos do português arcaico, por exemplo, a flexibilidade na posição dos clíticos. No início do período arcaico, a ênclise era predominante, contudo, na transição para o período hodierno, houve a emergência da próclise (QUERIQUELLI, 2012), tal fato pode justificar o aumento cada vez maior da variante pré-verbal.

Nesta direção, Saraiva (2008) realizou uma pesquisa com o objetivo de efetuar uma análise comparativa da colocação pronominal, a fim de verificar a existência de interferências da língua falada na língua escrita. Os dados obtidos indicaram a preferência pela colocação próclítica em ambas as amostras. Dentre outros apontamentos, os resultados confirmaram a urgente necessidade de revisão nas gramaticais tradicionais quanto ao assunto.

De fato, uma reformulação poderia ser capaz de findar a histórica contradição dos gramáticos em relação à colocação dos pronomes átonos. Nesse sentido, a autora supracitada ainda ressalta que as regras preconizadas são incoerentes e pautadas em usos arcaicos e textos literários que não servem como modelo para a sociedade atual. Podemos perceber que cada vez mais a próclise está se estabelecendo na fala e na escrita, na nossa amostra isso não é diferente.

Modo/tempo verbal

A variável *modo/tempo verbal* foi a terceira variável apontada pelo programa computacional como relevante para a nossa investigação.

Tabela 3 – Atuação da variável modo/tempo verbal sobre a colocação pré-verbal

Modo/tempo	Aplicação/Total	%	PR
------------	-----------------	---	----

verbal			
Subjuntivo/presente	13/15	86,7%	0,775
Indicativo/pretérito	42/71	59,2%	0,545
Indicativo/presente	78/129	60,5%	0,489
Imperativo	1/9	11,1%	0,054

Fonte: elaborada pelas autoras.

Conforme a tabela 3, verificamos que, nos gêneros jornalísticos fortalezenses, o presente do subjuntivo se constitui como um fator favorável à aplicação da colocação proclítica, uma vez que 86,7% das ocorrências apresentaram próclise, totalizando 0,775 de peso relativo. O resultado pode ser justificado por ser mais comum, nos gêneros investigados, o tempo presente, o qual provavelmente favorece a próclise. Além disso, por já ser o modo verbal cognitivamente mais difícil para o escritor/leitor, a colocação proclítica pode ser motivada pela maior facilidade do uso. De forma mais atenuada, com 59,2% de frequência, a variante indicativo/pretérito também demonstrou o mesmo comportamento.

(a) “o facto não impede que se illuminem os tumulos”, *Diário da Manhã: órgão político e noticioso*, 30/10/1929.

(b) “A proeza se deu, claro, a partir de um bom entendimento”, *Diário do Nordeste*, 08/01/2019.

No que diz respeito ao presente do indicativo, podemos constatar que a variante não é aliada ao uso da próclise, visto que sua porcentagem foi de 60,5% e seu peso relativo igual a 0,489, apontando-a como um fator desfavorável à colocação pré-verbal. A tabela 3 indica atuação semelhante em relação ao imperativo – apresentando 11,1% de ocorrência e 0,054 de peso relativo –, porém, como já foi explicitado, em decorrência da baixíssima quantidade de dados encontrados na amostra, não podemos realizar afirmações categóricas em termos de condicionamento da variante proclítica. Não obstante, Santos (2009) observou que o mesmo modo verbal só registrou casos de ênclise.

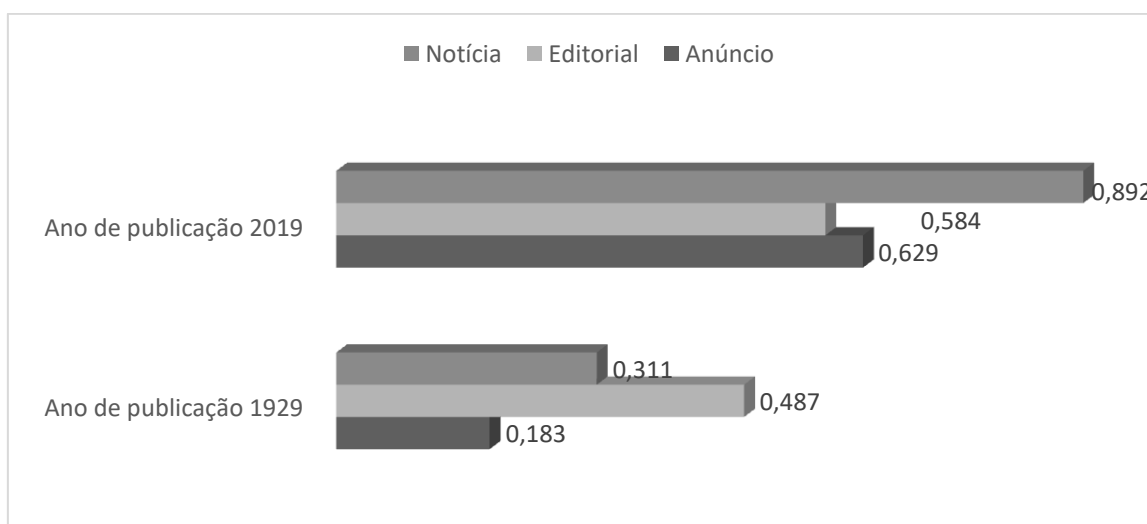
5.2 Segunda rodada

Contestando nossa hipótese, a variável *gênero textual* mostrou-se irrelevante para o estudo. Assim, defendendo sua pertinência para a investigação, realizamos uma segunda rodada como uma estratégia para observar qual gênero textual em cada época de publicação selecionada favorece a colocação pré-verbal. Para tanto, tornou-se necessária a criação de um novo grupo de fatores, *época de publicação versus gênero textual*.

Assim, para esta rodada, o melhor nível de análise foi *step up* 13, com *input* de 0,292 e nível de significância de 0,003. As variáveis estatisticamente relevantes selecionadas pelo GoldVarbX foram, nesta ordem: *formas nominais, época de publicação versus gênero textual e modo/tempo verbal*.

Destacamos que a segunda rodada prosseguiu com os mesmos nocautes encontrados na primeira. Após desprezá-los, encontramos resultados bastante semelhantes aos expostos no gráfico e nas tabelas anteriores, os quais não serão descritos devido às diferenças não serem significativas. Contudo, no que se refere ao novo grupo de fatores criado em função da época de publicação *versus* gênero textual, vejamos os dados alcançados no gráfico 2:

Gráfico 2 – Atuação da variável época de publicação versus gênero textual sobre a colocação pré-verbal



Fonte: elaborado pelas autoras.

Segundo o gráfico 2, podemos constatar comportamentos discrepantes em relação à colocação proclítica nas épocas de publicação em estudo. No ano mais recente, todos os gêneros textuais selecionados estão propensos ao uso de próclise. A notícia, por exemplo, aparece como grande favorecedora da posição pré-verbal, com peso relativo igual a 0,892. Além disso, podemos observar uma disputa no que concerne aos outros gêneros, haja vista que apresentam proximidade entre seus pesos relativos, 0,584 para o editorial e 0,629 para o anúncio. Vale ressaltar que o resultado obtido para o último gênero refutou nossa hipótese de que ele não beneficiaria a variante em foco – superando, inclusive, os índices do editorial. Nossas suposições estavam baseadas nas características desse tipo de texto, especialmente no que diz respeito à persuasão intrínseca ao gênero que atrai verbos no modo imperativo.

Confirmando nossa hipótese, em 1929, nenhum gênero selecionado está inclinado ao uso de próclise, uma vez que seus pesos relativos são inferiores a 0,50. Nesta direção, o anúncio é o fator mais desfavorecedor à colocação proclítica, cujo

peso relativo é igual a 0,183. Esse fato pode ser explicado justamente pelas particularidades supracitadas desse gênero. Um ponto merecedor de destaque é a grande diferença de uso da próclise na notícia e no anúncio em relação a 2019. Ademais, não se consta uma competição entre os gêneros como no período mais recente.

Os dados apresentados no gráfico 2 indicam grandes mudanças em relação à colocação pronominal nos gêneros jornalísticos fortalezenses, as quais acreditamos que podem ser justificadas, em parte, pela interferência da fala na escrita, pelo menor conservadorismo frente às normas vigentes e pela inserção cada vez mais crescente do jornalismo em meios digitais.

Considerações finais

O presente artigo buscou investigar o comportamento da colocação pronominal no gênero jornalístico de Fortaleza-CE. Dessa forma, sob a égide do aporte teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), analisamos os dados coletados de nossa amostra e constatamos que 58,7% das ocorrências correspondem à colocação pré-verbal. Em outras palavras, observamos que as variantes coexistem e que a posição proclítica dos pronomes átonos é a favorita para os textos jornalísticos fortalezenses selecionados, confirmando nossas suposições iniciais.

Na primeira rodada, verificamos as variáveis estatisticamente relevantes que estão propensas ao uso da próclise, supomos que a época de publicação seria a primeira a ser selecionada pelo GoldVarbX e que as variáveis linguísticas mais pertinentes seriam, nesta ordem, *gênero textual* e *modo/tempo verbal*. Todavia, o programa apontou, respectivamente, as variáveis *formas nominais*, *época de publicação* e *modo/tempo verbal* como relevantes para a investigação.

Nesse sentido, o fator infinitivo da variável *formas nominais* e os fatores subjuntivo/presente e indicativo/pretérito da variável *modo/tempo verbal* se mostraram favoráveis à colocação pré-verbal. Além disso, ratificando nossa hipótese, identificamos o ano de 2019 como a época favorecedora para a variante em foco.

Na segunda rodada, averiguamos qual gênero textual em cada época de publicação selecionada favorece a próclise. Para tanto, houve a necessidade de criar um grupo de fatores, *época de publicação versus gênero textual*. Os resultados comprovaram nossa hipótese de que nenhum gênero textual beneficiaria a posição proclítica no ano de 1929, contudo, refutaram a ideia de que o gênero anúncio não favoreceria o uso da próclise em ambas as épocas de publicação selecionadas, uma vez que ele se mostrou aliado à colocação pré-verbal em 2019. Sublinhamos que todos os gêneros textuais escolhidos estão inclinados ao uso da variante no ano mais recente.

Pretendemos, com os resultados preliminares encontrados, expandir o leque de investigações acerca da posição dos pronomes átonos na modalidade

escrita do português brasileiro. Vale salientar, porém, que reconhecemos nossas limitações, o que nos faz refletir sobre a possibilidade de futuros trabalhos. Assim, outros pesquisadores poderão ampliar nossa amostra, escolher gêneros textuais distintos, selecionar outros fatores condicionantes para a variável em foco, e/ou explorar mais variedades do PB, para citar apenas alguns estudos relacionados possíveis.

Defendemos que o maior conhecimento sobre o fenômeno de cliticização poderá incentivar a compreensão de seu próprio funcionamento, especialmente da variante proclítica – frequentemente mal avaliada socialmente. Por conseguinte, poderá contribuir, ainda, para uma reformulação das gramáticas tradicionais mais contextualizada com a realidade atual brasileira.

Notas

¹ Cabe ressaltar que efetuamos uma pesquisa em busca de mais dados acerca do periódico em foco, porém a busca foi improdutiva, uma vez que não localizamos mais fontes de informação.

² Disponível em: <http://www.edsonqueiroz.com.br/institucional_historia.html>. Acesso em: 18 jun. 2019.

³ Disponível em: <<http://ftpi.com.br/jornal/diario-do-nordeste/>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

⁴ Assim como Santos (2009), desconsideramos a variante mesóclise por ocorrer apenas com as formas verbais do futuro, não seguindo a premissa de que as variantes devem ter o mesmo significado e ocorrer no mesmo contexto.

⁵ Indica a probabilidade que a variante analisada tem de ocorrer nos grupos de fatores considerados em cada rodada (GUY; ZILLES, 2007). O valor do input é fornecido em números de 0,000 a 1,000 (PEREIRA, 2016).

⁶ Considerado a margem de erro da pesquisa, isto é, o risco de rejeitar a hipótese nula quando for, de fato, verdadeira. “O nível de significância é um valor arbitrário, definido segundo critérios do pesquisador. Convencionalmente, na sociolinguística variacionista, assim como em outras áreas, utiliza-se um nível de significância de 0,05” (OLIVEIRA, 2009, p. 100).

Referências

BERLINCK, R. de A.; BIAZOLLI, C. C. Clíticos e preposições: a norma e o 'normal' em jornais paulistas (1900 a 1915). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 850-863, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1344/887>. Acesso em: 7 maio 2019.

BIAZOLLI, C. C. *Clíticos pronominais no português de São Paulo: 1880 a 1920 – uma análise sócio-histórico-linguística*. 2010. 230 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

BLAZOLLI, C. C. Clíticos pronominais em gêneros jornalísticos escritos das variedades europeia e brasileira do português: (re)discutindo a atuação dos fatores condicionantes linguísticos. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 332-347, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/707>. Acesso em: 6 maio 2019.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 1 maio 2019.

GUY, Gregory. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 17-32, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30194>. Acesso em: 7 maio 2019.

LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, n. 44. Texas, 1978, p. 05-16. Disponível em: <http://eric.ed.gov/?id=ED157378>. Acesso em: 5 jun. 2019.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP: Editora Parábola, 2008.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento*. São Paulo. Hucitec, 1993.

PAGOTTO, E. G. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. 1992. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

PEREIRA, M. L. DE S. *Por que eles não concorda? Mecanismos de variação na concordância verbal no português oral popular de Fortaleza-CE*. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, 2016.

PETERSON, M. S. *A ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas em cartas de leitor: uma contribuição da Sociolinguística Variacionista*. 2010. 210 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PETERSON, M. S.; VIEIRA, S. R. A ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais: as normas de uso em cartas de leitor. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 57-67, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2012v9n1p57>. Acesso em: 8 maio 2019.

QUERIQUELLI, L. H. M. O conservadorismo do PB e o ensino de latim: possíveis implicações. *Anais do SIELP*. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/07/volume_2_artigo_189.pdf. Acesso 10 maio 2019.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A; SMITH, E. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 5 maio 2019.

SANTOS, D. C. O. A sintaxe dos pronominais átonos em perspectiva: um exame variacionista do fenômeno de cliticização em gêneros textuais do Português do Brasil do século XX. *Língua e*

Literatura (USP), São Paulo, v. 29, p. 1, 2009. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/114713>. Acesso em: 5 maio 2019.

SARAIVA, L. M. S. *A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inquéritos do Projeto NURC: uma análise contrastiva*. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SCHEI, A. *A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de M. Bagno. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2006.

Para citar este artigo

SOUSA, Aline Pereira; ARAÚJO, Aluíza Alves de. A sintaxe dos pronominais átonos em foco: uma análise variacionista do fenômeno de cliticização no gênero jornalístico de Fortaleza-CE. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 840-857, set.-dez. 2020.

As autoras

Aline Pereira Sousa é graduada no curso de Letras Português/Licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atualmente, cursa Mestrado em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLa (UECE). Vinculada à Linha de Pesquisa 1 - Linguagem, Tecnologia e Ensino, estuda Gêneros Acadêmicos e Culturas Disciplinares no Grupo de Pesquisa em Discurso, Identidade e Letramento Acadêmicos (DILETA). E-mail: alineeps@hotmail.com

Aluíza Alves de Araújo possui graduação em Letras (Português/Literatura) pela Universidade Estadual do Ceará (1996), mestrado (2000) e doutorado (2007) em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará. Atualmente coordena o projeto Descrição do português oral culto de Fortaleza - PORCUFORT (fase II): uma pesquisa em tempo real. Também é coordenadora do Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE). Lidera o Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas de Fortaleza-Ce (SOCIOFOR). E-mail: aluizazinha@hotmail.com